

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E TURISMO**

DAVID AMARAL SILVA

Coreia do Sul:

como o incentivo à cultura transformou o país em uma potência mundial na área do entretenimento

SÃO PAULO
2023

DAVID AMARAL SILVA

Coreia do Sul:

como o incentivo à cultura transformou o país em uma potência mundial na área do entretenimento

Trabalho apresentado à disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso*, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Beserra de Farias.

SÃO PAULO
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por sempre estar ao meu lado, por me apoiar em minhas decisões, por acreditar no meu potencial e por mostrar como a educação é realmente transformadora. Se hoje concluo esta etapa, foi graças ao incentivo dela. Serei eternamente grato.

A todos os professores e professoras que já passaram pela minha vida e fizeram com que eu chegasse até aqui. Vocês me ajudaram a crescer e evoluir como pessoa, como estudante e como cidadão.

À Universidade de São Paulo e à Escola de Comunicações e Artes por contribuírem para que um estudante vindo da escola pública, nascido e criado na periferia de São Paulo, pudesse cursar um dos mais prestigiados cursos superiores de todo o mundo.

Aos bons colegas e amigos que fiz durante esta trajetória. Espero ter contribuído com a formação deles assim como eles contribuíram com a minha.

RESUMO

De uma nação arrasada pelo imperialismo colonialista japonês e pela Guerra da Coreia (1950-1953) a uma das economias mais influentes do mundo, a Coreia do Sul deve seu crescimento econômico exponencial a sua excelente administração, com investimentos voltados à rápida industrialização e modernização do país. Ao decorrer das últimas décadas, a Coreia do Sul vem assumindo cada vez mais protagonismo global, principalmente no setor fonográfico e audiovisual, com produções nacionais que cativam não só o público local, mas também mundial. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é traçar um panorama histórico da Coreia do Sul, visando apresentar como o pequeno país sul-coreano acumulou capital econômico, político e, principalmente, cultural, tornando-se uma potência no setor de entretenimento e um modelo a ser seguido por países em desenvolvimento. Este trabalho teve como método a pesquisa bibliográfica com levantamento de informações a partir de livros, artigos, matérias e outros materiais bibliográficos que ajudaram na sustentação do tema escolhido. A Coreia do Sul é um excelente exemplo para compreender como o investimento no setor cultural é benéfico para a sociedade, cultura e economia de um país, trazendo desenvolvimento interno e reconhecimento internacional.

Palavras-chave: cultura; Coreia do Sul; entretenimento; investimento.

ABSTRACT

From a nation devastated by Japanese colonial imperialism and the Korean War (1950-1953) to one of the most influential economies in the world, South Korea owes its exponential economic growth to its excellent administration, with investments aimed at the rapid industrialization and modernization of the country. Over the last few decades, South Korea has become an increasingly global player, especially in the music and audiovisual sector, with national productions that captivate not only local audiences, but also those around the world. In this context, the aim of this work is to provide a historical overview of South Korea, with the aim of showing how the small South Korean country has accumulated economic, political and, above all, cultural capital, becoming a powerhouse in the entertainment sector and a model for developing countries to follow. The method used in this work was bibliographical research, gathering information from books, articles and other bibliographical material that helped to support the chosen theme. South Korea is an excellent example of how investment in the cultural sector is beneficial to a country's society, culture and economy, bringing internal development and international recognition.

Keywords: culture; South Korea; entertainment; investment.

LISTA DE FIGURAS

Imagen 1: Grupo BTS.....	28
Imagen 2: Grupo Blackpink.....	28
Imagen 3: K-pop em números.....	28
Imagen 4: Elenco do filme “Parasita” na cerimônia do Oscar.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: CONTEXTO HISTÓRICO.....	9
1.1 - COREIA: O INÍCIO.....	9
1.2 - OS TRÊS REINOS.....	10
1.3 - ESTADOS DO NORTE E DO SUL: BALHAE E SILLA UNIFICADA.....	11
1.4 - GORYEO.....	12
1.5 - JOSEON.....	13
1.6 - A OCUPAÇÃO JAPONESA NA COREIA.....	14
1.7 - GUERRA DA COREIA E DIVISÃO DA PENÍNSULA.....	15
CAPÍTULO 2: A ASCENSÃO DA COREIA DO SUL.....	16
2.1 - DESENVOLVIMENTO E ECONOMIA.....	16
2.2 - HALLYU: A ONDA COREANA.....	22
CAPÍTULO 3: EXPANSÃO SUL-COREANA.....	30
3.1 - O SOFT POWER DA COREIA DO SUL.....	30
3.2 - INDÚSTRIA CULTURAL SUL-COREANA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Em pouco mais de algumas décadas, a Coreia do Sul conseguiu sair de um país devastado pela guerra à posição de uma das maiores potências econômicas e culturais do mundo. Nos últimos anos é perceptível ver cada vez mais adeptos às produções audiovisuais e musicais sul-coreanas, e a nítida presença dessas produções em festivais de filmes, música e premiações televisivas só reforça a qualidade e o sucesso que esses conteúdos têm adquirido.

Diante deste exemplar desenvolvimento e protagonismo, o tema deste estudo foi escolhido visando compreender o caminho percorrido e as iniciativas tomadas pelo governo da Coreia do Sul para que o país se transformasse em uma potência mundial na área do entretenimento.

O presente estudo tem como objetivo principal dissertar sobre a valorização e incentivo à cultura feito pela Coreia do Sul e como essas ações foram benéficas para o crescimento econômico e desenvolvimento interno, colocando o país em uma posição de destaque no setor de entretenimento. Será apresentado como a Coreia do Sul tem trabalhado a política de *Soft Power* ao decorrer das últimas décadas e o que é possível observar sociologicamente em relação ao fenômeno cultural do expansionismo sul-coreano.

A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa aprofundada, a partir de uma revisão bibliográfica com levantamento de informações utilizando livros, artigos e matérias de jornais, apresentando uma visão geral sobre o incentivo à cultura e o protagonismo global da Coreia do Sul na área do entretenimento.

Esta monografia está estruturada em três capítulos, no qual o primeiro expõe uma contextualização histórica referente à Coreia do Sul, apresentando o início do Estado, suas divisões e unificações, formação de reinos, período colonial de ocupação japonesa (1910-1945) e a Guerra da Coreia (1950-1953).

O segundo capítulo aborda a ascensão social e econômica da Coreia do Sul por meio dos seus investimentos no setor da educação, cultura e na rápida industrialização e modernização do país. Também é abordado a expansão sul-coreana, mundialmente conhecida como *Hallyu*, e qual sua influência no cenário global.

Por último, o capítulo três trata como o governo da Coreia do Sul tem utilizado sua política de *Soft Power* para atingir o mercado internacional e promover suas produções nacionais, além de apresentar uma análise em relação à indústria cultural sul-coreana e o conceito de indústria cultural desenvolvido pelos filósofos alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer.

CAPÍTULO 1

CONTEXTO HISTÓRICO

1.1 - COREIA: O INÍCIO

A história da nação coreana começou na Manchúria e na Península da Coreia durante a Era Paleolítico, há 700.000 anos, quando os primeiros habitantes começaram a se estabelecer na região. Neste primeiro período, os grupos ali assentados sobreviviam caçando animais e coletando plantas comestíveis. Na Era Neolítica, que começou em torno de 8.000 a.C., os habitantes já estabelecidos na região começaram a praticar uma agricultura de subsistência, plantando e cultivando cereais. A partir deste momento, as primeiras sociedades de clãs começaram a se formar.

A Era do Bronze começou por volta do século X a.C. na Península da Coreia. Inicia-se nesse período a domesticação de animais para fins de transporte e consumo, e também a construção de depósitos semelhantes a granéis para armazenagem de cereais. A alimentação era complementada com peixes e moluscos coletados do mar.

Com o desenvolvimento da cultura da Era do Bronze, surgia uma sociedade na qual o chefe de um clã exercia grande influência sob a tribo, e com a mescla de diferentes clãs promovida pelos líderes mais fortes dessas tribos, esses grupos gradualmente evoluíram para primitivos Estados.

Neste período, o primeiro Estado reconhecido do povo coreano é fundado, o reino de Gojoseon, com Dangun Wanggeom como sumo-sacerdote e líder político. O governo Gojoseon se estabeleceu na região norte da península, criando uma cultura própria e independente. O trono era hereditário e os reis da época consolidaram um sólido sistema de governo apoiado por oficiais militares e funcionários públicos.

O declínio deste período está relacionado às transformações políticas ocorridas na China - ao final do século III a.C., a Dinastia Qin (221 a.C. - 206 a.C.) foi substituída pela Dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.), gerando um estágio de instabilidade social na nação. Devido a essa agitação civil, houve um aumento dos fluxos migratórios chineses para Gojoseon, que, no período, era liderado por Wiman, um refugiado chinês que havia usurpado o trono do Rei Jun em 194 a.C.

Segundo o Ministério da Cultura, Esportes e Turismo (2015), o reino de Gojoseon, sob o comando de Wiman, havia adotado a cultura do ferro, desenvolvido a agricultura, diferentes tipos de artesanatos e aumentado sua força militar. Gojoseon também tentou

monopolizar o lucro da região, enquanto servia como intermediário no comércio entre a Península da Coreia e a China, aproveitando seu posicionamento estratégico e proximidade geográfica com o país. Esses fatores levaram ao descontentamento da nação chinesa, que não queria partilhar o território com o reino de Gojoseon, acarretando, assim, ao confronto entre a Dinastia Han e o reino de Gojoseon.

Durante o período de um ano de guerra, as tropas de Gojoseon resistiram às investidas chinesas, porém, devido ao grande número de forças terrestres e navais da Dinastia Han, o reino de Gojoseon sucumbe à invasão em 108 a.C., extinguindo, dessa forma, o primeiro reino coreano.

1.2 - OS TRÊS REINOS

Com o fim da guerra e a dominação da Dinastia Han consolidada, quatro colônias chinesas foram fundadas no território que antes pertencia ao reino de Gojoseon. De acordo com Dunia Schabib (2021, p. 24), “a queda do poder coreano centralizado leva à criação de estados menores e independentes, com estruturas políticas complexas, com bases provenientes de alianças tribais já existentes no período anterior: nasciam assim os reinos locais”. Entre os reinos locais, destacam-se três estados poderosos: Goguryeo (37 a.C. - 668 d.C.), Baekje (18 a.C. - 660 d.C.) e Silla (57 a.C. - 935 d.C.), que se estabeleceram na Manchúria e na península da Coreia. Houve também um quarto reino chamado Gaya, fundado em 42 d.C., porém este não demonstrou influência política local, sendo totalmente anexado por Silla durante o século V.

Entre os Três Reinos, Goguryeo era o mais extenso e foi o primeiro a se estabelecer como um Estado soberano. Durante toda sua existência, Goguryeo desempenhou o papel de grande potência regional no nordeste da Ásia, mostrando-se interessado em manter um poder hegemônico na península, seja afastando do território facções leais à Dinastia Han ou auxiliando reinos vizinhos, como o de Silla.

O reino de Baekje formou-se a partir de alianças tribais radicadas ao sul do rio Han (Coreia do Sul) e nas proximidades do que hoje é Seul, capital da Coreia do Sul. Durante o século III, sob o reinado do Rei Goi, foi estabelecido um sólido sistema de governo político, além de um expansionismo e hegemonia ao longo de todo o trajeto do rio Han. Segundo Dunia Schabib (2022, p. 25), “seu destaque em relação aos demais eram as habilidades náuticas desenvolvidas em razão de sua geografia favorável: toda a costa oeste do reino dava acesso ao Mar Amarelo”. Devido a sua dominância de rios e técnicas navais avançadas, o

reino de Baekje também servia como intermediário cultural entre o continente e as ilhas japonesas.

Silla era o menor e mais subdesenvolvido entre os três reinos. Devido a sua posição geográfica localizada a sudeste da península, Silla não teve muita influência chinesa em seu território. A sociedade era estratificada e entre as classes mais importantes estava a *Hwarang*, classe militar composta de jovens guerreiros aristocráticos, responsáveis pela defesa das fronteiras e pela conquista de novas terras.

Durante a coexistência dos três reinos, Silla era frequentemente atacada por Baekje e apesar de solicitar auxílio militar inúmeras vezes ao reino de Goguryeo, não obteve sucesso. Neste cenário, em meados do século VII, prevendo a invasão da Dinastia Tang, da China, Silla opta por se unir às forças estrangeiras para derrotar os outros dois reinos coreanos. O reino de Baekje é o primeiro a sucumbir à aliança Silla-Tang, em 660, enquanto que o reino de Goguryeo é derrotado oito anos depois, em 668.

Após a conquista de Baekje e Goguryeo em aliança com Silla, a Dinastia Tang tentou exercer controle sobre toda a Península da Coreia, incluindo Silla. Uma guerra ocorre entre as duas nações entre os anos de 670 e 676, resultando na vitória de Silla e a expulsão completa de todas as forças da Dinastia Tang da península. Após esse conflito, com todo o território sob um único domínio, a península da Coreia é unificada pela primeira vez em 676.

1.3 - ESTADOS DO NORTE E DO SUL: BALHAE E SILLA UNIFICADA

Com a anexação dos reinos de Gaya, Baekje e Goguryeo, o domínio de uma porção continental da Manchúria e a unificação da península coreana, Silla, o antes menor estado, passa a ser conhecido por Silla Unificada ou Silla Tardio.

Nessa época, Silla Unificada experienciou um período de desenvolvimento econômico deslumbrante: passou a exportar trabalhos em ouro e prata e a importar livros, porcelanas, tecidos de cetim de seda, roupas e produtos de artesanato; mercadorias da Ásia Central foram introduzidas à Silla Unificada, e os comerciantes daquela região visitavam o território por meio da Rota da Seda e das rotas marítimas.

Em 698, mais ao norte da península, sobreviventes do reino de Goguryeo se estabeleceram no centro-sul da Manchúria e fundaram o Reino de Balhae, composto tanto por povos de Goguryeo quanto pela população nativa da Manchúria e tribos altaicas. A coexistência destes dois reinos inaugurou o período conhecido por “Período dos Estados Norte-Sul”, sendo eles o reino de Balhae e o reino de Silla Unificada, respectivamente.

Entretanto, o “Período dos Estados Norte-Sul”, iniciado em 698, teve seu fim em 926. Durante o século X, ambos os reinos de Balhae e Silla passaram por períodos conturbados e conflitos territoriais. Balhae, que outrora fora conhecido como “país próspero do oriente” (*Haedong seongguk*), sucumbiu ao império de Khitan Liao em 926, enquanto que Silla foi gradualmente incorporada à Goryeo, em 935. Vale ressaltar que os habitantes mais nobres do reino de Balhae, descendentes de Goguryeo, resistiram à invasão chinesa de Khitan Liao e migraram para a região sul da península coreana. Com esse movimento, os refugiados do estado do norte acabaram por incorporar-se pacificamente à recém-criada dinastia Goryeo, que logo se opôs à hostilidade criada pela dinastia Liao, mantendo essa postura por décadas.

1.4 - GORYEO

Fundada pelo Imperador Taejo (877 - 943), a Dinastia Goryeo acolheu fugitivos de Balhae que migraram para o sul da península, em 926, e incorporou pacificamente o reino de Silla, em 935. Devido ao território de Silla corresponder a região dos Três Reinos (Goguryeo, Baekje e Silla), ocorreu a segunda reunificação coreana neste período.

Durante a Dinastia Goryeo, os campos da política, educação, cultura e comércio experienciaram avanços significativos e contribuições relevantes. O reino adotou o Confucionismo como sua ideologia política e estabeleceu um sistema de educação eficiente ao fundar uma instituição nacional de ensino superior e várias escolas particulares regionais (Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, 2015). No comércio, Goryeo se envolveu em trocas ativas com muitas nações, incluindo a China, países da Ásia Central, sudeste asiático, Arábia e Japão.

Mas foi no campo da cultura que Goryeo teve sua maior expressão: a manufatura de cerâmicas verde jade era dada como uma arte única e inigualável, e a fabricação da primeira prensa com tipos móveis metálicos do mundo (1234), que antecedeu em dois séculos a prensa de Johann Gutenberg (Europa, século XV), proporcionou o registro de textos e ensinamentos ligados à cultura coreana (Dunia Schabib, 2021). Também é importante destacar a *Tripitaka Koreana*, uma coleção de escrituras budistas gravadas em mais de 80 mil blocos de madeira. Desde 1995 a *Tripitaka Koreana* é considerada Patrimônio Mundial da Unesco.

a Dinastia Goryeo governou a maior parte da península coreana entre os anos de 918 e 1392, porém, ao final do século XIII, Goryeo encontrava-se em uma situação difícil por causa de problemas internos e externos (guerras com os mongóis e invasões de piratas japoneses). Na época, o General Yi Seong-gye, visando a autonomia do reino coreano e

sabendo de sua popularidade entre o povo devido ao seu papel em expulsar invasores estrangeiros do território, usurpa o trono do rei e funda a Dinastia Joseon. Com isso, a Dinastia Goryeo chega ao fim após 474 anos de governo.

1.5 - JOSEON

Com a tomada de poder pelo General Yi Seong-gye e a fundação de uma nova dinastia, a Era Joseon se inicia na Península da Coreia, com duração de quinhentos e treze anos (1392 - 1905). Como primeiro rei e fundador, o General Yi Seong-gye altera seu nome para Taejo de Joseon e escolhe *Hanyang* (atual Seul) como capital da nova dinastia. A nova capital, localizada no centro da península coreana, era de fácil acesso por meio do Rio Han, que corria diretamente pelo coração da nação. Ele também ordenou a construção do Palácio *Gyeongbokgung* e do Santuário de *Jongmyo*, bem como a construção de estradas e mercados.

Os primeiros reinados da Dinastia Joseon foram marcados por contribuições significativas para a estabilidade do sistema de governo e prosperidade social: ministérios na área da administração, finanças, defesa e obras públicas foram criados, e serviços ligados à saúde e à educação passaram a ser fornecidos ((Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, 2015).

Durante o reinado do Rei Sejong (1418-1450), o quarto rei da Era Joseon, a península coreana passou por uma importante revolução cultural e linguística. Em 1443, o *Hangeul* (alfabeto coreano) foi criado em substituição aos ideogramas chineses modificados vigentes na península desde o século VII, porém só foi introduzido à população três anos depois, em 1446. O *Hangeul* é utilizado até os dias de hoje pelo povo coreano e muitos estudiosos afirmam que ele “é o sistema de escrita mais científico e fácil de se aprender do mundo” (Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, 2015, p. 209).

Apesar do país ter apresentado períodos de prosperidade política, social e cultural, quando comparado a outras nações, a península coreana ainda se encontrava em um estado subdesenvolvido e atrasado, facilitando a invasão estrangeira, como explica Dunia Schabib (2022, p. 30): “A não industrialização do país fez com que ele mantivesse o modo de produção feudal até o fim do século XIX, o que facilitou o avanço japonês na região, com pouca resistência por parte do povo coreano”.

A partir do final do século XVI, a Dinastia Joseon sofreu muitas instabilidades políticas devido a conflitos territoriais. Embora tivesse saído vitoriosa contra o Japão na conhecida Guerra dos Sete Anos (1592-1598), a nação coreana é anexada à Manchúria em

1636, que, oito anos mais tarde, em 1644, sob o governo da Dinastia Qing dos manchus, também se estabelece na China.

No ano de 1894, o Japão Imperial derrota a Dinastia Qing na Primeira Guerra Sino-Japonesa, e, em 1910, Joseon também é anexada, tornando-se uma colônia japonesa. Com essa invasão, as eras dinásticas da Coreia terminam.

1.6 - A OCUPAÇÃO JAPONESA NA COREIA

O período que compreende a ocupação japonesa na península coreana (1910 - 1945) é considerado um dos mais conturbados e delicados da história da Coreia. Desde seu início, a dominação japonesa se mostrou rígida, inflexível e desumana, impondo um período de terror à então colônia coreana. Por anos a Coreia foi inibida de se desenvolver economicamente, permanecendo por décadas como um país subdesenvolvido, desmilitarizado e de base agrária (HANY, 2021).

Sob o domínio japonês, milhares de coreanos foram obrigados a trabalhar em fábricas e nos campos em condições análogas à escravidão. A população constantemente tinha a sua dignidade humana violada, com leis de criminalização de sua cultura, literatura, música e idioma - durante a colonização, a língua coreana foi banida. Caso algum cidadão coreano infringisse as regras, era repreendido violentamente. Em 1939, nomes de origem coreana foram proibidos, com isso, famílias foram obrigadas a mudarem seus nomes para os de origem japonesa. No decorrer da Guerra do Pacífico (1941-1945), a população masculina coreana foi recrutada para trabalhar como soldados e lutar ao lado das tropas nipônicas, enquanto mulheres e crianças foram forçadas pelos japoneses a prostituição.

Embora o Japão tenha oficialmente pedido desculpa pelos crimes de guerra cometidos contra a Coreia, nenhuma indenização foi providenciada às vítimas e as destinadas ao país foram consideradas insuficientes, não cobrindo os danos causados durante a ocupação (FIGUEIREDO, 2021). O tema ainda é sensível na Coreia do Sul.

Entretanto, os anos de submissão coreana não passaram sem resistência. Os coreanos se envolveram em contínuas lutas armadas para recuperar sua independência ao longo dos 35 anos de imperialismo japonês na Coreia. Em março de 1919, após a criação da Declaração da Independência, a primeira manifestação de alcance nacional pela independência coreana ocorreu, reunindo estudantes e pessoas comuns nas ruas de todo o país. Embora o protesto tenha sido duramente reprimido pelas autoridades japonesas, o espírito patriota e de resistência permaneceu com o povo coreano (Ministério da Cultura, Esportes e Turismo,

2015). A partir de 1920 e dos anos subsequentes, outros conflitos entre Coreia e Japão ocorreram dentro e fora da península.

Em 15 de agosto de 1945, com a rendição japonesa na Guerra do Pacífico e o fim da Segunda Guerra Mundial, as forças imperialistas japonesas foram retiradas da península por tropas norte-americanas e soviéticas. Terminava, assim, a ocupação japonesa na Coreia.

1.7 - GUERRA DA COREIA E DIVISÃO DA PENÍNSULA

Com a rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial, a Coreia foi dividida pelos Aliados (Estados Unidos, França, Inglaterra e URSS) em duas zonas de ocupação, norte e sul, cujo parâmetro de divisão foi o paralelo 38 - linha imaginária que está a 38° ao norte da Linha do Equador. A região ao sul do paralelo passou a ser administrada e governada pelos Estados Unidos e a do norte ficou sob domínio da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Após tentativas fracassadas de estabelecer um governo unificado e nacional na península, consolidou-se dois estados coreanos com sistemas econômicos e políticos opostos: um de base socialista, localizado na porção setentrional ao paralelo 38, e outro de base capitalista não liberal, estabelecido na região meridional.

Em maio de 1948, ocorreu a primeira eleição na Coreia do Sul, sob supervisão da ONU (Organização das Nações Unidas), elegendo Syngman Rhee como primeiro presidente. Em 15 de agosto do mesmo ano, a República da Coreia foi criada como uma democracia livre, sendo reconhecida pelas Nações Unidas como o único governo legítimo na península coreana. Já na porção norte ao paralelo 38, devido à oposição da União Soviética, não houve uma eleição geral sob a supervisão das Nações Unidas. Em 9 de setembro de 1948, a República Popular Democrática da Coreia foi estabelecida como um país comunista e Kim Il-Sung foi empossado como primeiro-ministro e, posteriormente, em 1972, como presidente, ficando no cargo por 22 anos (FIGUEIREDO, 2017).

Devido ao não reconhecimento do governo norte-coreano pelas Nações Unidas e o desejo de Kim Il-Sung de unificar a península em uma única grande nação, em 25 de junho de 1950, a Coreia do Norte invade o sul, buscando a reunificação das regiões pela força. Este período histórico é conhecido como Guerra da Coreia (1950 - 1953).

Apoiada parcialmente pela União Soviética e, principalmente, pela China, a Coreia do Norte obteve sucesso em suas primeiras investidas militares, dominando boa parte do território sul-coreano. Entretanto, em consequência da falta de suprimentos e sofrendo contra-ofensivas da Coreia do Sul e dos Estados Unidos, o avanço das tropas norte-coreanas

foi neutralizado. Por causa da dificuldade de avanço territorial, ambos os países e seus aliados se encontraram em um impasse, visto que nenhuma porção conseguia se sobressair à outra. Neste período, apesar do não avanço das tropas, os conflitos tornaram-se mais violentos.

No ano de 1951 os rápidos movimentos e reviravoltas da guerra diminuem, o conflito fica mais localizado próximo ao paralelo 38°. Os combates, no entanto, atingem seu período mais sangrento. [...] A divisão existente no início da Guerra entre Coreia do Sul e Coreia do Norte foi mantida e dura até os nossos dias. (MANNARINO; DOURADO, 2011, p. 6)

A guerra, que se estendeu por três anos, causou a morte de 600 mil militares e mais de 2 milhões de civis, até que, em 27 de julho de 1953, um Armistício de Guerra foi assinado pelos dois países, acordando apenas um pacto de cessar-fogo, mas não configurando no encerramento formal da guerra. “A guerra nada resolveu, obteve pouco além de destruição, com os dois estados rivais no final ainda se enfrentando após um acordo de cessar-fogo ao longo do paralelo de latitude 38” (FELIPPE, 2019, *apud* MASON et al., 2017).

Com isso, o paralelo 38 passa a funcionar como a Linha de Demarcação Militar, sendo uma zona desmilitarizada e onde se localiza a Área de Segurança Conjunta, único meio terrestre que conecta as duas Coreias.

Dado que o presente trabalho visa discorrer sobre como a Coreia do Sul acumulou capital econômico, político, social e, principalmente, cultural, tornando-se uma potência do setor de entretenimento, a partir deste momento focaremos na porção sul da península, região na qual se localiza nosso objeto de estudo.

CAPÍTULO 2

A ASCENSÃO DA COREIA DO SUL

2.1 - DESENVOLVIMENTO E ECONOMIA

Após o fim da Guerra da Coreia, o país sul-coreano se encontrava em um estado de falência. Durante a década de 1950, devido a sua situação precária e sem estrutura suficiente para se estabelecer como país, a Coreia do Sul recebeu aporte financeiro, político e militar dos Estados Unidos. Por causa dessas contribuições, a Coreia do Sul passou a ser influenciado pelo país norte-americano, inclusive, adotando seu modelo de administração, como explica Pedro Antonio:

Logo após a Guerra da Coreia (1950-1953), a Coreia do Sul iniciou o plano de introduzir o modelo americano de administração pública em seu território, em muitos casos até copiando o modelo americano fielmente. Para realizar esta tarefa, a Coreia do Sul precisava ser assistida de perto por instituições americanas para

guiá-la e alocar a ajuda estrangeira, está majoritariamente americana, em zonas de interesse para introduzir o modelo de 26 administração pública americana na Coreia do Sul (FRANCEZ, 2021, *apud* KIM; MYEONG et al., 2014, p. 677).

No final da década de 1950, ainda sob o governo de Syngman Rhee, presente no cargo desde 1948, o país também começa a investir na área da educação, visando a alfabetização de sua população e a retomada da cultura e língua sul-coreana (como mencionado anteriormente, a língua coreana foi proibida e sua identidade nacional sofreu tentativas de apagamento durante a ocupação japonesa). Entretanto, o governo de Syngman Rhee foi marcado por um escândalo de manipulação das eleições presidenciais. Após contínuos protestos, liderados principalmente por estudantes, Syngman Rhee renuncia ao cargo após pouco mais de uma década de governo autoritário (1948 - 1960).

Com a renúncia de Syngman Rhee uma nova Constituição é elaborada e um regime liderado pelo Primeiro-Ministro Jang Myeon é inaugurado. Porém, em 16 de maio de 1961, em meio a lutas políticas e contínuas manifestações, um golpe de Estado é realizado e o General Park Chung-hee sobe ao poder e instaura um regime militar.

Em 1963, após dois anos de regime militar, eleições presidenciais são novamente realizadas. Park Chung-hee, então aposentado do serviço militar, se candidatou e foi eleito presidente da Coreia do Sul. Apesar de ter sido eleito de forma democrática, o governo de Park Chung-hee foi marcado por uma gestão autoritária e repressiva.

Ao longo de seu mandato, Park Chung-hee se propôs a tornar a Coreia do Sul uma economia autossuficiente em relação aos Estados Unidos, mas sem romper o relacionamento criado entre as duas nações. Durante as décadas de 1960 e 1970, visando a modernização do país, foi estabelecido um programa de desenvolvimento econômico e industrialização. Esse programa proporcionou um rápido crescimento econômico por meio da implementação de políticas orientadas à exportação.

A Coreia do Sul deve seu crescimento econômico exponencial, sobretudo, às exportações, propiciadas pela rápida industrialização e modernização do país, pelo avanço tecnológico, pelas reformas educacionais e aumento na taxa de escolaridade e pela rápida urbanização. Durante 35 anos, o país acumulou muitas riquezas, tornando-se um modelo acessível para muitos países em desenvolvimento e superando definitivamente o estigma de país subdesenvolvido e sem infraestrutura básica que o acompanhou na primeira metade do século passado. (HANY, 2021, p.39)

Segundo o Ministério da Cultura, Esportes e Turismo (2015), em 1960, as exportações sul-coreanas chegaram a US\$32,8 milhões, mas até 2013 alcançaram US\$559,6 bilhões. Em 1948, o PIB per capita era de apenas US\$60,00, enquanto que em 2013 foi de

US\$26.205,00. Este período de desenvolvimento econômico, industrialização e modernização sul-coreana ficou conhecido como “Milagre do rio Han” (1961 - 1996).

A capital Seul, cortada por esse rio, experimentou, além do crescimento econômico, uma transformação urbana radical e o aumento repentino e constante nos padrões de vida. Embora o fenômeno tenha sido a nível nacional, Seul recebeu destaque por ter se convertido em uma metrópole global em apenas quatro décadas. (HANY, 2021, p.41)

O Milagre do rio Han proporcionou um aumento exponencial na qualidade de vida sul-coreana e no avanço social, possibilitando que grandes eventos ocorressem na Coreia do Sul, como os Jogos Olímpicos de Verão (1988), a Copa do Mundo FIFA (2002), realizada juntamente com o Japão, país com o qual a Coreia do Sul buscou estreitar relações a partir de 1960, e os Jogos Olímpicos de Inverno (2018), além de promover um aumento significativo do turismo no país - em 2019, 17,50 milhões de turistas visitaram a Coreia do Sul, maior número até então registrado, gerando uma receita de 25,46 bilhões de dólares para o país segundo dados do site Dados Mundiais¹. Todos esses eventos são consequências das iniciativas promovidas e desenvolvidas ao longo do período de 35 anos do Milagre do rio Han. Essas ações possibilitaram a transformação de uma nação arrasada pelo imperialismo colonialista japonês (1910-1945) e pela Guerra da Coreia (1950-1953) em uma das nações mais desenvolvidas e influentes do mundo.

Entre as ações que ocorreram para o crescimento do país sul-coreana durante o “Milagre do rio Han” estavam os planos quinquenais, que eram programas de investimentos voltados para o desenvolvimento econômico.

O primeiro plano quinquenal (1962-1966) consistia no desenvolvimento das bases estruturais da Coreia do Sul para que o Estado pudesse se industrializar. Assim, investimentos nas áreas de energia elétrica, fertilizantes, cimento, fibras sintéticas e refinarias de petróleo foram realizados. O primeiro plano também ficou responsável pela instituição de políticas orientadas à exportação, como benefícios fiscais, empréstimo e apoio administrativo às empresas sul-coreanas.

O segundo plano quinquenal (1967-1971) também tinha como objetivo aumentar as exportações do país, principalmente de bens de consumo e manufaturados leves. Estes, por sua vez, foram produzidos por mão-de-obra abundante e barata, um fator que foi de suma importância para o sistema de produção da Coreia do Sul no período anterior ao início da fabricação intensiva na área de tecnologia (WEISSHEIMER, 2014).

¹ : Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/asia/coreia-do-sul/turismo.php>

O terceiro plano quinquenal (1972-1976) buscou fortalecer a indústria de defesa da Coreia do Sul e estreitar relações entre o Estado e os conglomerados sul-coreanos. Enquanto que no quarto plano quinquenal (1977-1981) o país apresenta um forte crescimento econômico e conclui o programa de industrialização com ênfase nos bens de capital sob encomenda e indústria automobilística (WEISSHEIMER, 2014).

O quinto plano quinquenal (1982-1986) continuou promovendo a exportação de bens sul-coreanos e focou no desenvolvimento de indústrias de tecnologia, visto que houve um aumento da demanda do mercado internacional por produtos de alta tecnologia.

O sexto plano quinquenal (1987-1991) foi o último plano quinquenal e tinha muitas semelhanças com o quinto plano, dado que também visava a promoção de exportações e o desenvolvimento de indústrias de tecnologia. As diferenças mais significativas quando comparado ao plano anterior são: o controle monetário indireto, a privatização de empresas públicas, a redução gradual de diversos subsídios fiscais e a diminuição dos empréstimos estrangeiros.

Durante o sexto plano também ocorreu a liberalização do mercado, que proporcionou a criação de condições de concorrência para que as pequenas empresas pudessem se desenvolver internamente, enquanto que os grandes conglomerados se dedicariam ao mercado internacional (MEDEIROS, 2021).

Ainda durante o mandato de Park Chung-hee, construções de linhas de via expressa e de metrôs nas grandes cidades foram realizadas, proporcionando o desenvolvimento do território nacional e, assim, maior mobilidade interna. Também foi criado o *Saemaeul Undong* (Novo Movimento Comunitário), que tinha como objetivo transformar o falido Estado coreano de base agrícola em um país focado no desenvolvimento industrial, incluindo o setor agrário. Em 1972, logo após um autogolpe realizado pelo então Presidente Park Chung-hee, a Constituição Yushin é promulgada em 21 de novembro. Esta Constituição concedia plenos poderes ao presidente, como controle efetivo sobre o parlamento e a possibilidade de presidência permanente. Park Chung-hee também usufruiu de seus poderes para endurecer o regime autoritário e conter manifestações que estavam ocorrendo contra o seu governo.

Independentemente das agitações sociais, a economia do país continuou a crescer sob o regime autoritário com a política de industrialização baseada nas exportações. No decorrer da década de 1970, o país investiu em instalações de indústrias pesadas e químicas, como petroquímicas, metalúrgicas e siderúrgicas, e lançou as bases para a exportação de produtos industriais pesados.

É importante destacar que os conglomerados empresariais de famílias sul-coreanas foram peças fundamentais para o crescimento econômico do país. Conhecidos como *Chaebols* (em coreano, “chae” é o termo para “rico” e “bol” significa “clã” ou “grupo”), esses conglomerados multinacionais sempre tiveram uma relação de proximidade com o governo da Coreia do Sul, iniciada na década de 1960, durante o mandato de Park Chung-hee. A essas empresas, o governo sul-coreano garantia empréstimos e outros privilégios econômicos, beneficiando seu desenvolvimento que, em retorno, contribuiam para o crescimento e avanço econômico do país. Samsung, Hyundai Motors, LG, SK Holdings e LOTTE Groups estão entre os *Chaebols* mais conhecidos (MATOS, 2023). Essas empresas passaram a dominar o mercado interno e a ganhar cada vez mais espaço no cenário global a partir do final da década de 1970 e início de 1980.

Em consequência de seu regime autoritário e políticas violentas, o descontentamento por parte da população com o governo de Park Chung-hee cresceu. Manifestações foram duramente reprimidas e protestantes foram presos. Em 1979, durante protestos antigoverno que aconteciam em todo o território, ocorre o assassinado de Park Chung-hee por opositores, dando fim ao regime autoritário que durou 16 anos (1963 - 1979).

Após o assassinato de Park Chung-hee, um novo Golpe de Estado é realizado em 12 de dezembro e o comandante militar Chun Doohwan sobe ao poder, estabelecendo um período ditatorial que durará até 1988. Comparado ao governo de Park Chung-hee, o novo governo mostrou-se ainda mais autoritário e agressivo, promovendo perseguições a opositores, ordenando massacres e reprimindo protestos massivos pró-democracia (G1, 2021). Devido a essas ações praticadas pelo governo de Chun Doohwan, as manifestações se intensificaram nacionalmente e internacionalmente, levando-o a renunciar ao cargo após anos de protestos liderados pela população coreana.

Uma nova constituição é redigida e eleições diretas são realizadas para escolher o novo presidente. Roh Tae-woo é eleito e assume o cargo em fevereiro de 1988, ficando no posto por cinco anos (1988 - 1993).

Ao longo dos mandatos de Chun Doohwan (1979 - 1988) e Roh Tae-woo (1988 - 1993), a Coreia do Sul passou por um processo de abertura política e robusto investimento no setor de tecnologia e computadores. Essas ações proporcionaram um avanço excepcional para a economia do país.

É importante ressaltar também que todos os governos Pós-Guerra da Coreia tinham ciência da importância do investimento em educação, visando a formação de uma população preparada para o avanço do país. Com o desenvolvimento da Coreia do Sul e o surgimento de

diversas empresas (por exemplo, as *chaebols*), a mão de obra especializada passou a ser necessária. Com isso, a população sul-coreana vislumbrou uma nova perspectiva ao não olhar a educação apenas como uma obrigação, mas como um investimento, que se mostrava cada vez mais eficaz em proporcionar oportunidades profissionais e uma vida melhor, com maiores compensações financeiras e menos trabalhos braçais, além de menor esforço físico para tal.

Em 1993 inicia-se o governo de Kim Young-sam, primeiro presidente civil da Coreia do Sul. Seu governo foi marcado por políticas de combate à corrupção e pelo início da Crise Asiática (1997 - 1999), uma crise financeira que afetou economias emergentes no sudeste e nordeste da Ásia. Inicialmente restrita aos países conhecidos como tigres asiáticos (Coreia do Sul, Taiwan, Singapura e Hong Kong), conjunto de países emergentes do Sudeste Asiático que, no momento, se destacavam por um grande crescimento e desenvolvimento econômico, a crise rapidamente se espalhou para outros países e, posteriormente, para o mercado global (REIS, 2019). Devido a este período de recessão econômica, a Coreia do Sul precisou recorrer a empréstimos feitos pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) para um resgate financeiro, após anos de acelerado crescimento econômico.

Em 1998, sob o governo do novo presidente Kim Dae-jung (1998 - 2003), ações foram realizadas para contornar o conturbado período econômico, como a retirada de empresas de baixo desempenho do mercado e o massivo investimento na reestruturação industrial. Os bancos coreanos foram incumbidos a seguir o “modelo desenvolvimentista japonês”, isto é, o governo orientava os bancos a conceder empréstimos a algumas empresas e agia como abonador de tais empréstimos. Os *chaebols* também foram pressionados a focar seus negócios em apenas uma área, sem ramificações, e a contratar gestores estrangeiros capacitados, a fim de acabar com o monopólio da gerência familiar dentro deles, de modo que se tornassem competitivos no mercado interno (HANY, 2021).

De acordo com Dunia Schabib (2021, p. 42), “esse ritmo de industrialização não só desencadeou avanços nas tradicionais áreas do segundo setor, como indústria de base, de bens de consumo, de infraestrutura e de tecnologia, como também beneficiou o setor cultural”.

Assim, em apenas dois anos, o governo de Kim Dae-jung conseguiu superar a crise cambial que havia atingido o país, recuperar os níveis dos preços e gerar um excedente no saldo de contas, além de promover a produção cultural de forma indireta. O final do seu mandato foi marcado pelo esforço de manter e desenvolver tanto a democracia quanto a economia do país.

Nos governos subsequentes, a Coreia do Sul investiu na cooperação e no bom relacionamento com países estrangeiros, além do contínuo desenvolvimento social para prosperidade da nação. Em colaboração com os Estados Unidos foi criado uma aliança criativa e um acordo de livre comércio foi assinado, visando a criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento de parcerias comerciais e o acesso ao mercado internacional.

As relações entre as duas Coreias também se mostraram progressivamente positivas ao decorrer dos anos por meio de ações no âmbito do esporte, do turismo e da cultura. Em 2018, na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno de PyeongChang, ocorridos entre os dias 9 e 25 de fevereiro, a Coreia do Norte e a Coreia do Sul formaram uma delegação de atletas e técnicos unificada e, sob uma mesma bandeira estampada com o desenho da península que abriga os dois países, desfilaram e foram ovacionadas por mais de 30 mil espectadores presentes no Estádio Olímpico no encerramento do desfile das nações (GE, 2018). No mesmo ano, em abril, o líder norte-coreano Kim Jong-un (neto de Kim Il Sung) compareceu aos vários concertos realizados pela comitiva de artistas sul-coreanos em Pyongyang, capital da Coreia do Norte (G1, 2018). Entretanto, apesar dos sinais de aproximação e cooperação, o relacionamento entre as duas Coreias ainda é delicado.

Durante os últimos setenta e cinco anos (1948-2023), a Coreia do Sul se transformou em um potência econômica e um exemplo de democracia livre. Com investimentos na área educacional, tecnológica, industrial e cultural, o país tornou-se um protagonista no cenário global e um exemplo a ser seguido.

2.2 - HALLYU: A ONDA COREANA

O termo *Hallyu* provém da palavra chinesa *Hanlyu*, que significa “Onda Coreana” ou “o fluxo da Coreia”. Esta expressão foi primeiramente empregada pela mídia chinesa para se referir a expansão e exportação massiva da cultura sul-coreana por meio de seus produtos culturais, como música, cinema e televisão, porém, nos dias atuais, a expressão também engloba o modo de vida sul-coreano que as pessoas buscam adotar e aprender para se sentirem parte desse movimento global, como culinária, moda, beleza, língua e comportamento.

A onda coreana é um fenômeno cultural de origem sul-coreana, o momento em que a Coreia do Sul começa a exportar de forma massiva todos os seus produtos culturais, a sua indústria cultural de cultura pop. Não é uma indústria cultural ligada a uma tradição da cultura coreana, mas sim ligada à sua produção de cultura pop. Resumindo: a onda coreana é um fenômeno de exportação da cultura pop sul-coreana, que se expandiu no primeiro momento para os mercados

regionais, mercados vizinhos da Coreia do Sul, e hoje nós já podemos considerá-la como um fenômeno global (MAZUR, 2023, *apud* CRUZ, 2023).

O termo foi utilizado pela primeira vez na década de 1990, após a Coreia do Sul iniciar relações diplomáticas com a China para exportações de seus produtos culturais. O primeiro produto sul-coreano bem-sucedido em território chinês foi a novela “What is love?” (O que é o amor?), que foi ao ar pela CCTV em 1997 e teve um índice de audiência de 4,2%, ou seja, a novela foi assistida por mais de 150 milhões de telespectadores chineses (Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, 2015).

Mas foi em 2002 que o termo ganhou popularidade com a exibição de "Winter Sonata" (2002) pela emissora KBS, uma telenovela romântica cujo enredo desenvolve, ao longo de 20 episódios, a relação de seus protagonistas.

The term “*hallyu*,” which was in fact introduced in 1999 by local reporters in Beijing who were surprised by the popularity of Korean TV drama shows in China, was still unfamiliar among the viewers. Even Yoon Suk-ho, the producer of what later became the pioneering *hallyu* drama [Winter Sonata], had no idea what the series was about to lead to in Korea and Asia as a whole (LEE, 2011).

Com o sucesso na China, Winter Sonata é exportada em 2003 para o Japão, sendo exibida pela emissora NHK. Ao atingir popularidade no país japonês, referência na produção de dramas televisivos e maior exportador do gênero na época, a telenovela não tardou em alcançar os outros países do continente asiático, repetindo o êxito em diferentes localidades.

Devido ao grande sucesso do K-drama (do inglês, *Korean drama*, refere-se às produções seriadas provindas da Coreia do Sul), o ator Bae Yong-joon atingiu grande popularidade e foi considerado galã no Leste Asiático, e a ilha Namiseom, na Coreia, local onde as gravações ocorreram, recebeu mais de um milhão de turistas na década de 2000. O programa também atraiu ao menos 20% dos espectadores no horário nobre japonês, sendo classificado posteriormente como *cult*. Para a NHK, Winter Sonata proporcionou uma fatura de US\$3,4 milhões com vendas de produtos relacionados à telenovela (LEE, 2011).

Segundo o crítico cultural sul-coreana Lee Young-mi², o fenômeno de Winter Sonata na Coreia e no Japão deve ser analisado e entendido separadamente, de acordo com a realidade de cada país. No país sul-coreano, a produção foi recebida como uma forma de alívio e escapismo do trauma coletivo vivido pelo povo coreano na Crise Asiática de 1997 - produções do tipo fantasia romântica com enredo similar ao de Winter Sonata serviram para recuperar a confiança das pessoas, principalmente da população jovem de homens e

² Disponível em:

<https://www.koreaherald.com/view.php?ud=20111230000497#:~:text=On%20the%20night%20of%20Jan,the%201997%20Asian%20financial%20crisis>

mulheres. Já no país nipônico, a audiência se construiu de maneira orgânica, tendo mulheres de meia-idade como público majoritário. O reflexo dessa audiência ocorreu devido a identificação do público para com a história, dado que, de alguma forma, a telenovela validou sentimentos e sensibilizou essas mulheres japonesas que tiveram que abrir mão de várias coisas durante a vida, restando apenas boas lembranças e valores que agora só existem no passado e no imaginário delas (LEE, 2011).

O sucesso de *Winter Sonata* refletiu a força que um produto cultural pode ter na sociedade e como o mesmo pode moldar comportamentos, influenciar pessoas, promover o turismo e trazer benefícios econômicos para um país. O K-drama marcou o estopim da expansão cultural coreana, que tem recebido cada vez mais atenção do público global.

Apesar do início da *Hallyu* ter ocorrido a partir do sucesso de *Winter Sonata*, a expansão e internacionalização da Coreia do Sul emerge da história e dos investimentos sul-coreanos como um todo.

Com o fim do período de regime militar e o início do processo de redemocratização entre as décadas de 1980 e 1990, leis que limitavam a entrada de conteúdo estrangeiro no país foram flexibilizadas, proporcionando uma maior distribuição de produtos culturais estrangeiros em território sul-coreano, que acabaram por influenciar, fortalecer, e diversificar as produções coreanas, impulsionando o país a produzir conteúdos autênticos e que representassem a identidade cultural sul-coreana (SOUZA, 2015).

Durante o governo de Kim Dae-Jung (1998-2003), dentre as ações realizadas para contornar a Crise Asiática, estavam políticas voltadas para a indústria cultural, incluindo investimentos monetários feitos pelo próprio país visando tornar esta indústria uma força econômica com a exportação de programas televisivos, filmes e músicas.

Segundo Rafaela Stark (2022):

Entre os anos de 1997 e 1998, o Ministério da Cultura ganhou um aumento substancial no orçamento, possibilitando a criação de inúmeros departamentos de artes em universidades. Concomitantemente, as emissoras de televisão começaram a investir em programas e séries mais elaborados.

Paralelo a este movimento, *chaebols* como Samsung, Daewoo e Hyundai tinham interesse na área de eletrônicos e planejavam investir na produção de conteúdo cultural seguindo a estratégia de sinergia entre dispositivos eletrônicos e a área de entretenimento. A partir de então, o governo e os empresários sul-coreanos investiram nos potenciais de exportação da cultura pop e na organização de uma indústria cultural direcionada ao exterior.

De acordo com Dunia Schabib (2021, p. 42):

O governo sul-coreano não investiu diretamente na produção de conteúdos artísticos, todavia seu apoio a essa indústria foi crucial. Ao destinar dinheiro para a promoção de atividades culturais e aplicar uma política de isenção de impostos para empresas que desenvolvessem produtos culturais, possibilitou que várias agências de entretenimento crescessem e ganhassem o mundo.

Com isso, políticas e práticas direcionadas impulsionaram um crescimento que tinha como meta estabelecer a produção cultural sul-coreana em níveis de reconhecimento e aceitação nacionais e internacionais. Esses subsídios governamentais, que são realizados até hoje, têm como objetivo ligar a iniciativa pública à privada e, assim, de forma concomitante, beneficiar o setor cultural e empresarial. Seguindo a mesma estratégia, outras empresas começaram a investir na indústria cultural (SOUZA, 2015).

Pode-se comparar a *Hallyu* ao fenômeno cultural que foi a Invasão Britânica (*British Invasion*). Na década de 1960, a mudança de paradigmas de cultura, sociedade e comportamento propiciada pela crescente contracultura britânica no pós-Segunda Guerra Mundial superou a indústria cultural norte-americana (indústria mais prestigiada na época), influenciando uma geração de jovens por todo o globo, e revelando nomes como The Beatles e Rolling Stones.

Assim como a Invasão Britânica foi um fenômeno no século XX, com a Onda Coreana o cenário é o mesmo. Influenciando primeiramente países do sudeste asiático nos anos 1990 e início dos anos 2000, como os já mencionados China e Japão, mas também Indonésia, Tailândia e Vietnã, as produções coreanas começam a serem consumidas globalmente a partir do início do século XXI, principalmente por países do continente americano e europeu.

Para maior compreensão do efeito e impacto da *Hallyu* no mundo, serão apresentados os três principais setores que compõem este movimento, sendo eles o da música, do cinema, da televisão e das plataformas de streaming.

Produto principal da *Hallyu* atualmente, a música popular sul-coreana, conhecida mundialmente por K-pop (*Korean pop*), é um gênero que mistura diversos estilos musicais, obtendo uma música animada e dançante, com acordes e mensagens tipicamente sul-coreanos, porém com eventuais palavras ou frases em inglês, para atrair a atenção internacional - nos últimos anos, os grupos de K-pop estão investindo cada vez mais na língua inglesa para atingir o mercado mundial.

A origem do K-pop remete à década de 1980, com as novas influências culturais chegando do exterior após a abertura política que ocorreu nesse período. Estilos como techno, europop, hip-hop e R&B foram fundamentais para a criação deste gênero, que é sustentado

por três pilares fundamentais: música, identidade musical criada e difundida pelos grupos; visual, composição dos MVs (*Music Video*) e a forma como os artistas se expressam por meio de suas vestimentas, e a dança, coreografias bem elaboradas presentes em todos os MVs (HANY, 2021).

Não existe um ano exato ou um grupo específico que define o início do K-pop, mas três grupos se destacam pelo seu pioneirismo e influência: o grupo Sobangcha, do final dos anos 1980 e inspirado em outras *boy bands* do período; o grupo Seo Taiji & Boys, fenômeno dos anos 1990 após a participação em um programa de talentos da televisão pelo qual ganharam reconhecimento e popularidade, e o grupo H.O.T, considerado o pioneiro do formato atual do K-pop (FIGUEIREDO, 2020).

O K-pop possui um modelo próprio de produção, centrado em grandes empresas que possuem diversas áreas em uma única companhia, como gravação, distribuição, caça-talentos, eventos e academias de música e dança. Elas administram cada detalhe da carreira dos seus funcionários, desde questões jurídicas à artísticas. O objetivo dessas empresas é formar “Idols” (denominação dada às personalidades da mídia que se inserem na lógica industrial do entretenimento sul-coreano) baseado em critérios visual, de dança, canto, etiqueta e postura corporal.

O investimento em um futuro “Idol” é alto para uma empresa, por causa disso, contratos bem elaborados são feitos e dedicação e seriedade são exigidas dos *trainees* (pessoas em processo de treinamento) ao longo de todo o processo de preparação. Segundo Dunia Schabib (2021, p.88):

O investimento em cada novo projeto é muito alto para que não seja garantido o retorno; os longos contratos de exclusividade, de sete a 15 anos, asseguram o compromisso dos futuros ídolos com o pagamento das dívidas referentes a gastos com alimentação, moradia, estudos e procedimentos estéticos que a empresa providenciou desde o treinamento.

O poder das grandes empresas de k-pop é diretamente proporcional ao dinheiro que elas são capazes de gerar. O setor cultural injeta bilhões de dólares por ano na economia sul-coreana e disputa com os setores automobilístico e eletroeletrônico a maior rentabilidade da Coreia do Sul.

Na Coreia do Sul existe um “big three” das agências de K-pop, sendo elas: SM Entertainment, YG Entertainment e JYP Entertainment. Elas foram as primeiras empresas de entretenimento fundadas na fase embrionária do K-pop por pessoas ligadas ao meio artístico e também foram responsáveis pela expansão da *Hallyu* pelo mundo no setor musical.

Outra grande empresa do ramo é a HYBE Labels, fundada em 2005 sob o nome de Big Hit Entertainment. Responsável direta e indiretamente por grupos de grande sucesso como BTS e NewJeans, a empresa, atualmente, supera as receitas do “big three”. Entretanto, não existe a intenção da criação de um “big four” ou da adição da HYBE Labels ao “big three”, dado a importância histórica e pioneirismo das mesmas no setor cultural (HANY, 2021).

Considerado o maior grupo coreano da atualidade e um fenômeno mundial, o BTS já estabeleceu diversos recordes de visualizações na plataforma de vídeos YouTube, ganharam premiações internacionais e foram os primeiros artistas sul-coreanos a liderarem o principal ranking musical (*Billboard Global*) do mercado dos Estados Unidos. Os membros do grupo também se tornaram os mais jovens laureados com a ordem do mérito cultural de seu país, além de discursarem na Assembleia Geral da ONU em 2018 e 2020 como embaixadores da boa vontade, por servirem de inspiração à população jovem de todo o mundo. (FIGUEIREDO, 2020). Estima-se que o BTS movimente, direta e indiretamente, US\$3,7 bilhões ao ano na economia do país, além de serem a razão de 1 a cada 13 turistas escolherem a Coreia do Sul como destino para visita (ORTEGA, 2019).

Outro fenômeno da música popular sul-coreana foi o rapper PSY com o hit “Gangnam Style”, de 2012, considerado um marco para a divulgação do k-pop pelo mundo. Na época de seu lançamento, a música atingiu uma notória repercussão global devido ao seu ritmo animado e dança envolvente. Por meio das redes sociais, diversas pessoas ao redor do mundo imitavam os passos de dança do videoclipe, que, atualmente, soma mais de 4 bilhões de visualizações na plataforma YouTube.

Entre os grupos femininos, Blackpink é considerado o de maior sucesso. O grupo sul-coreano, composto por quatro integrantes (Jennie, Lisa, Jisoo e Rosé), foi o primeiro a se apresentar no Coachella (festival anual de música e arte que ocorre em Los Angeles, considerado um dos mais importantes do mundo) e a alcançar 1 bilhão de visualizações no YouTube, além de ser o primeiro grupo feminino de um país a aparecer no lista dos 30 under da Forbes Ásia. Em suas redes sociais, as integrantes do grupo somam mais de 327 milhões de seguidores, e marcas de grife como Chanel, Dior, Celine e Saint Laurent são representadas pelas integrantes em desfiles e eventos de moda (GLASBY, 2020).

Imagen 1: Grupo BTS



Fonte: G1, 2019.

Imagen 2: Grupo Blackpink



Fonte: Vogue, 2020.

O K-pop é responsável por movimentar grande parte do turismo na Coreia, estima-se que mais de 800 mil pessoas visitem o país por ano, 20 mil apenas do Brasil. O turismo total no país triplicou nos últimos 15 anos. Devido a isto, o governo sul-coreano incentiva o distrito de Changdong, na capital Seul, a se tornar mundialmente conhecido como o "bairro do K-pop". Nele há casas de shows, estúdios, lojas e arena para 20 mil pessoas. (ORTEGA, 2019).

Imagen 3: K-pop em números



Fonte: Instituto Hyundai, agências, 2021.

O cinema sul-coreano é outro setor de destaque da *Hallyu*. Com sua reinvenção e investimentos na área a partir da década de 1990, o país tem produzido longas-metragens de

grande sucesso. Produções como “Oldboy” (2003), “O Hospedeiro” (2006), “A Criada” (2016) e “Em Chamas” (2018) se destacaram no mercado internacional, conquistaram prêmios e atraíram atenção para o cinema que é produzido na Coreia do Sul.

O exemplo mais expressivo deste sucesso e reconhecimento é o filme “Parasita” (2019), de Bong Joon-ho, que, em 09 de fevereiro de 2020, entrou para a história ao ser o primeiro filme de língua não inglesa a vencer o Oscar de Melhor Filme. Além da categoria principal, a obra também foi premiada com o Oscar de Melhor Diretor, Melhor Roteiro Original e Melhor Filme Internacional, tornando-se o filme sul-coreano com melhor desempenho na maior premiação cinematográfica do mundo, conseguindo vencer 4 das 6 categorias que disputava.

Imagen 4: Elenco do filme “Parasita” na cerimônia do Oscar



Fonte: Los Angeles Times.

A vitória de “Parasita” no Oscar é o reflexo do investimento que os conglomerados sul-coreanos têm feito neste setor. O Grupo CJ, liderado pela vice-presidente Miky Lee, investiu massivamente na campanha de “Parasita” para que essa conquista ocorresse.

Behind *Parasite*’s — and Korea’s — catapult to the forefront of the cinematic conversation is Miky Lee, the heiress turned media mogul whose \$4.1 billion entertainment empire serves as the foundation of much of the country’s cultural output, from television dramas streamed by millions of viewers worldwide to K-pop concerts packing arenas around the globe to movies dominating the box office in Asia and, perhaps soon, farther west.

As vice chair of the Korean conglomerate CJ Group, Lee, 61, oversees its vast entertainment and media business. [...] In fact, it’s possible to draw a direct line between CJ’s investment in the local film industry and the rise of filmmakers like Bong, meaning that without Lee’s support, *Parasite* might not even exist (SUN, 2020).

A Coreia do Sul também investe em festivais de cinema para a promoção de seus filmes, entre os mais conhecidos está o “Festival Internacional de Cinema de Busan (BIFF)”,

cujo qual tornou-se rapidamente um importante festival de cinema asiático após a sua criação, em 1996. O BIFF oferece à comunidade de realizadores, empresários, investidores e pessoas interessadas em cinema asiático uma oportunidade de apresentar, assistir, discutir e negociar novos filmes e produções audiovisuais, tanto digitais quanto analógicas, em meio à cobertura da mídia global.

O grande sucesso internacional de “What Is Love?” (MBC) e de “Winter Sonata”(KBS), na China e no Japão, desempenharam um papel fundamental ao impulsionar o interesse pelas telenovelas coreanas em toda a Ásia e no restante do mundo. Esses sucessos foram seguidos por “Dae Jang Geum” (MBC), uma telenovela de época que apresentava a história de uma cozinheira órfã que se tornou a primeira mulher médica do Rei. Originalmente exibida entre 2003 e 2004, a telenovela se tornou um dos programas de TV de maior audiência na Coreia antes de ser exportada para 87 países ao redor do mundo — incluindo os países islâmicos como o Irã, onde ela conquistou cerca de 80% da audiência —, fascinando os telespectadores com o retrato da tradicional cultura coreana, como a cozinha da Corte Real coreana, os trajes tradicionais e o conhecimento medicinal (Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, 2015).

As produções sul-coreanas no formato seriado também têm ganhado espaço e feito sucesso em plataformas de streaming, como Rakuten Viki (plataforma destinada exclusivamente para produções asiáticas) e Netflix. De acordo com Ted Sarandos, co-CEO da Netflix, em entrevista ao *The Hollywood Reporter*, revista norte-americana dedicada à indústria do entretenimento, cerca de 60% dos assinantes já assistiram ao menos um conteúdo sul-coreano na plataforma. Ele também menciona que 90% da exibição de romances sul-coreanos têm vindo de fora da Coreia do Sul. Percebendo o sucesso e retorno que programas como “Round 6” (2021), “A lição” (2022) e “All of Us are Dead” (2022) proporcionam à plataforma, a Netflix revelou que investirá US\$2,5 bilhões em conteúdos sul-coreanos nos próximos quatro anos, incluindo séries de televisão, filmes e programas não roteirizados (PARK, 2023).

CAPÍTULO 3

EXPANSÃO SUL-COREANA

3.1 - O SOFT POWER DA COREIA DO SUL

Soft Power (em português, poder brando) é o termo utilizado para representar a competência de demonstrar o poder de um país sem apelar para poderes econômicos ou bélicos. O exercício do Soft Power confirma que é possível se destacar na política global por meio da cultura e entretenimento.

Criado pelo cientista político norte-americano Joseph Nye e difundido primeiramente em um artigo e posteriormente em suas obras “Bound To Lead: The Changing Nature Of American Power” (1990) e “Soft Power: The Means To Success In World Politics” (2004), o termo refere-se às ações realizadas por aqueles países que buscam influenciar de forma indireta e se expandirem por meio de produtos culturais, valores políticos e política externa.

É importante mencionar o conceito de Hard Power (poder duro), também idealizado e difundido por Joseph Nye. Diferente do Soft Power, a abordagem do Hard Power atribui a um Estado a capacidade de influenciar ou exercer poder sobre o comportamento de outro, utilizando os seus recursos econômicos (sanções econômicas ou incentivos financeiros) e militares, sendo que estas ações geralmente induzem ou coagem o outro Estado a ceder e aderir às suas vontades por meio da coerção, força ou ameaça (RUTHE, 2023). A “Política do Big Stick”, política externa estadunidense sob o comando do presidente Theodore Roosevelt (1858-1919) que tinha como objetivo proteger os interesses econômicos dos Estados Unidos por toda a América Latina, a invasão do Iraque pelos Estados unidos em 2003 e o “Acordo de Munique”, de 1938, que foi uma forma de articular o Hard Power militar sem a necessidade do conflito, dado que o acordo cedia à Alemanha Nazista parte do território da então Tchecoslováquia - sem o consentimento da mesma-, são exemplos históricos nos quais a abordagem do Hard Power foi utilizada (RUTHE, 2023).

Diferentemente dos Estados Unidos e de outras potências, a Coreia do Sul conseguiu conquistar seu espaço e vem propagando diariamente sua influência por meio do Soft Power. A abordagem do Soft Power na Coreia do Sul proporcionou reconhecimento mundial, melhoria da imagem do país diante do resto do mundo, avanço econômico e, por consequência, melhoria na qualidade de vida da população. A já mencionada *Hallyu* (Onda Coreana) é uma consequência das políticas de Soft Power praticadas pela Coreia do Sul, porém, atualmente, elas se complementam, dado que ambas visam a promoção da cultura e produtos sul-coreanos.

Em 1995, ainda durante o mandato de Kim Young-sam (1927-2015), as bases da “Política Hallyu” foram lançadas, política de investimento no setor cultural pela qual o Estado promoveria o desenvolvimento de produtos nacionais que se destacariam sobre os

estrangeiros. A “Política Hallyu” visava a exportação de produtos culturais sul-coreanos, cujo objetivo seria melhorar a imagem do país e aproximar da cultura coreana pessoas de diferentes continentes. Essa foi uma abordagem de Soft Power feita pela Coreia do Sul com o intuito de se beneficiar por meio de seus valores e bens culturais internacionalmente difundidos (FIGUEIREDO, 2020).

Como já mencionado, na década de 1990 a Coreia do Sul passou por um grande crescimento econômico, entretanto, apesar da influência internacional ter sido em parte positiva, ocorreram também choques com a entrada de produtos estrangeiros, incluindo produtos culturais. Como resultado dessa combinação, o então presidente Kim Young-sam criou uma nova política cultural instaurando medidas protecionistas à indústria cultural do país e programas de financiamento pelo Estado para produção de conteúdo sul-coreano com o propósito de fomentar a cultura nacional e tornar a Coreia do Sul mais conhecida na comunidade internacional a partir de suas produções. Um exemplo dessas iniciativas são as cotas mínimas para exibição de produções sul-coreanas tanto no cinema quanto na televisão (FIGUEIREDO, 2020).

O próprio governo sul-coreano investe nas produções nacionais, mesmo que de forma indireta, por meio de subsídios concedidos a empresas ou pelo Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, que implementa medidas para fomentar a produção artística, o esporte e o turismo no país. De acordo com Park Boram (2019), o governo da Coreia do Sul concedeu em 2020 o maior orçamento anual de todos os tempos para o Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, a fim de reforçar o promissor setor de conteúdo do país.

The steep budget increase for the culture ministry is reflective of the government's determination to cultivate the content industry as the country's future economic growth engine as well as to upgrade the local culture and tourism infrastructure (BORAM, 2019).

O orçamento aprovado pela Assembleia Nacional foi de 6,48 trilhões de wons (mais de US\$5 bilhões de dólares), representando 1,25% de todo o orçamento nacional. Parte desse orçamento (32,3 bilhões de wons) será destinado a apoiar novos cineastas, cartunistas e designers de moda locais a se expandirem para mercados estrangeiros, bem como um orçamento especial para a construção de uma sala de concerto dedicada ao K-pop.

3.2 - INDÚSTRIA CULTURAL SUL-COREANA

Apresentado pela primeira vez na obra “Dialética do Esclarecimento” (1944), especificamente no capítulo “A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas”, o termo “Indústria Cultural” foi criado pelos filósofos alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, ilustres pensadores pertencentes ao Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt e, ao lado de Friedrich Pollock, fundadores da popular “Escola de Frankfurt” - escola de teoria social e filosofia. Este texto busca relacionar o conceito de indústria cultural, desenvolvido pelos dois autores supracitados, com a indústria do entretenimento da Coreia do Sul, que se fortaleceu nas últimas décadas, tornando-se uma das maiores exportadoras de cultura pop do mundo.

A indústria cultural tem como objetivo analisar a forma como a cultura se torna mercadoria e é utilizada como instrumento de dominação e alienação das massas. De acordo com Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1944, n.p):

“[...] a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual. A necessidade que talvez pudesse escapar ao controle central já é recalcada pelo controle da consciência individual”.

Nesse sentido, a indústria cultural é caracterizada pela produção e distribuição massiva de bens culturais, tais como filmes, músicas, programas de variedades, séries, entre outros. O governo da Coreia do Sul investe na indústria cultural do país pelo prestígio e nome do país, mas também por resultados econômicos concretos. Essa produção em grande escala é, muitas vezes, padronizada, visando atender aos interesses do mercado e garantir o lucro. Nesse contexto, ao analisar a Indústria Cultural, podemos observar como esse conceito se relaciona com a indústria do entretenimento da Coreia do Sul, que tem se tornado uma potência internacional.

A indústria do entretenimento sul-coreana se destaca pelo seus filmes, dramas e principalmente grupos de K-pop, com artistas que seguem padrões pré-estabelecidos, tanto no visual quanto no estilo musical. Em relação à padronização, os grupos musicais sul-coreanos são formados por jovens talentosos que passam por um intenso processo de treinamento no qual são moldados para se encaixarem em um determinado perfil estético e sonoro, visando alcançar o sucesso comercial. Isso cria uma homogeneidade no cenário musical, onde muitos grupos têm características semelhantes e pouca originalidade é incentivada.

Outro ponto importante da indústria cultural é a sua capacidade de criar necessidades artificiais na população, estimulando o consumo e fortalecendo a lógica capitalista de

acumulação. Nesse sentido, a indústria do entretenimento coreana utiliza diversas estratégias para seduzir o público e criar uma verdadeira obsessão em torno de seus artistas.

“A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todo-poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente econômicos”.

“Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem” (ADORNO; HORKHEIMER, 1944, n.p).

Os fãs da cultura sul-coreana e de seus produtos são extremamente engajados e dedicados, consumindo música, séries de televisão, filmes, programas de plataformas de streaming e produtos de merchandising. Esse consumo desenfreado é estimulado pela própria indústria, que investe em estratégias de marketing e cria uma aura de exclusividade em torno dos seus produtos culturais, por meio de eventos abertos e fechados para fãs, encontros com personalidades famosas da mídia e edições limitadas de produtos.

A indústria do entretenimento coreana também utiliza a mídia como forma de influência e dominação cultural. As empresas de entretenimento, que controlam e gerenciam os artistas, são responsáveis pela produção de programas de televisão, rádio, revistas e jornais, que disseminam a cultura pop sul-coreana tanto no país quanto no exterior.

Essa estratégia tem como objetivo divulgar os artistas e grupos musicais, bem como estabelecer uma imagem positiva da cultura sul-coreana, que acaba por influenciar as percepções culturais em outros países. Dessa forma, a Coreia do Sul consegue consolidar sua indústria cultural como uma importante exportadora de entretenimento, sendo reconhecida mundialmente.

A indústria do entretenimento da Coreia do Sul apresenta características que se assemelham ao conceito de indústria cultural proposto por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, ao mesmo tempo em que alcança um grande sucesso comercial e uma enorme base de fãs ao redor do mundo, também reproduz uma cultura de massa que pode ser considerada alienante e homogeneizante.

A padronização, a alienação, o espetáculo, a reprodução técnica e a influência midiática são elementos que permeiam essa indústria e evidenciam o impacto da cultura de massa e do capitalismo no campo do entretenimento. No entanto, é importante pontuar que essa análise não tem o objetivo de deslegitimar ou desvalorizar a cultura sul-coreana, mas sim de compreender as dinâmicas culturais que envolvem sua indústria do entretenimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a análise de como o incentivo à cultura transformou a Coreia do Sul em uma potência mundial na área do entretenimento. Foi apresentado as iniciativas e ações desenvolvidas e executadas pelo governo sul-coreano ao decorrer dos anos, que possibilitaram uma rápida industrialização e modernização do país, alavancando-o à posição de protagonista no cenário econômico global. Um país submetido a uma dominação opressora e rígida que durou 35 anos e arrasado por uma conturbada e violenta guerra que dividiu a península em duas nações, tornou-se uma potência no cenário mundial, cujo sucesso que tem alcançado e a atenção que suas produções têm recebido são o reflexo de uma excelente administração, que vislumbrou na cultura uma oportunidade de crescimento e expansão.

O estudo apresentou como a valorização e incentivo à cultura foram benéficos para o desenvolvimento da Coreia do Sul e como essas ações trouxeram reconhecimento internacional para o país, além de apresentar conceitos importantes que fazem parte da política de crescimento do país sul-coreano, como a *Hallyu* e o *Soft Power*. O fenômeno da *Hallyu* (Onda Coreana) é a consequência do expansionismo e impacto que os produtos sul-coreanos têm nas pessoas ao redor do mundo e como eles cativam aqueles que os consomem. Já o *Soft Power* sul-coreano proporciona reconhecimento mundial para o país, melhoria da imagem internacional, avanço econômico e, por consequência, melhoria na qualidade de vida da população. Atualmente, a *Hallyu* e a política de *Soft Power* praticada pela Coreia do Sul funcionam de forma sinérgica, dado que ambas visam a promoção da cultura e produtos sul-coreanos.

O incentivo à cultura na Coreia do Sul se tornou um dos principais diferenciais do país, impulsionando a indústria do entretenimento a alcançar reconhecimento mundial. As políticas de incentivo à cultura também contribuíram para o fortalecimento da identidade nacional e para a projeção da imagem da Coreia do Sul no mundo. A consequente ascensão econômica e a influência cultural exercida pelo país são reflexos diretos das ações do governo e de empresas sul-coreanas em prol da cultura. Este estudo revela a importância do investimento na área cultural como fator determinante para o desenvolvimento econômico e social de uma nação.

Isso posto, o investimento na área cultural se mostrou um catalisador no crescimento econômico da Coreia do Sul, pois não só impulsionou a indústria criativa, como também fortaleceu a marca do país no cenário internacional. O fenômeno do K-pop, por exemplo, não apenas resultou em um grande sucesso comercial, mas também desencadeou um crescente interesse pela língua coreana, moda, beleza, culinária, comportamento e cultura sul-coreana de uma forma geral, proporcionando um aumento significativo no turismo no país e no comércio internacional. Além disso, o sucesso do cinema sul-coreano, com filmes aclamados globalmente, como "Parasita" e "A Criada", consolidou a reputação da Coreia do Sul como um centro de excelência cinematográfica.

Dessa forma, é possível observar como o incentivo à cultura não apenas enriqueceu a oferta cultural do país, mas também teve um impacto direto na sua influência global e na sua receita econômica, demonstrando que o investimento nas artes e no entretenimento pode desempenhar um papel crucial no avanço de uma nação no cenário mundial. O caso da Coreia do Sul é um exemplo para países em desenvolvimento ao mostrar como a cultura pode ser uma ferramenta transformadora e de crescimento.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLO, Raphael; GOZZER, Thierry. **Unidas na mesma bandeira! Coreias do Sul e Norte entram juntas na abertura.** GE. PyeongChang, Coreia do Sul. 09 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://abre.ai/gM5g>.

BORAM, Park. **S. Korea allots biggest-ever culture budget for 2020.** Yonhap News Agency. 11 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/sxI15>.

DADOS MUNDIAIS. **Desenvolvimento e importância do turismo para a Coréia do Sul.** Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/asia/coreia-do-sul/turismo.php>.

FIGUEIREDO, Filipe. **Coreia Nuclear | Nerdologia.** Nerdologia. YouTube. 19 de setembro de 2017. Disponível em: <https://11nq.com/5ZGpO>.

FIGUEIREDO, Filipe. **Crimes de guerra japoneses | Nerdologia.** Nerdologia. YouTube. 10 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W8qOJt0ihRk>.

FIGUEIREDO, Filipe. **História do K-Pop e a política externa da Coreia do Sul | Nerdologia.** Nerdologia. YouTube. 14 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f1gVLdWucBw&list=WL&index=73>.

FRANCE PRESS. **Kim Jong-Un comparece a show de estrelas do K-pop na Coreia do Norte.** G1. 01 de abril de 2018. Disponível em: <https://abre.ai/gM5o>.

GLASBY, Taylor. **Como Blackpink se tornou a maior banda feminina de K-pop do mundo.** Vogue. 22 de agosto de 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2020/07/como-blackpink-se-tornou-maior-banda-feminina-de-k-pop-do-mundo.html>.

LEE, Claire. **Remembering ‘Winter Sonata,’ the start of hallyu.** The Korea Herald. 31 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://abre.ai/gOxY>.

Morre Chun Doo-hwan, ex-presidente da Coreia do Sul. G1. 22 de novembro de 2021. Disponível em: <https://acesse.one/zFx4g>.

MATOS, Matheus. **Quais são os maiores chaebols da Coreia do Sul?** Revista KoreaIN. 22 de julho de 2023. Disponível em: <https://abre.ai/gRub>.

ORTEGA, Rodrigo. **K-pop é poder: Como Coreia do Sul investiu em cultura e colhe lucro e prestígio de ídolos como BTS.** G1. 23 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-i-nvestiu-em-cultura-e-colhe-lucro-e-prestigio-de-idolos-como-bts.ghtml>.

PARK, Soomee. **Netflix’s Ted Sarandos Touts the “Power of Korean Storytelling,” Says K-Content Views Are Up Sixfold.** The Hollywood Reporter. 22 de junho de 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/syM24>.

QUEIROZ, Breno. **Hallyu, a febre sul-coreana que movimenta bilhões do K-pop a ‘Parasita’.** Invest News. 15 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://investnews.com.br/economia/hallyu-a-febre-sul-coreana-que-movimenta-bilhoes-do-k-pop-a-parasita/>.

REIS, Tiago. **Crise asiática de 1997: entenda como aconteceu a crise dos Tigres Asiáticos.** Suno. 9 de março de 2019. Disponível em: <https://abre.ai/gNiM>.

RUTHE, Aline. **Soft Power e Hard Power: entenda a diferença!** Politize. 27 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/soft-power-hard-power/>.

STARK, Rafaela. **Hallyu: a dominação sul coreana no entretenimento mundial.** EM PAUTA. 25 de abril de 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ovG14>.

SUN, Rebecca. **From ‘Parasite’ to BTS: Meet the Most Important Mogul in South Korean Entertainment.** The Hollywood Reporter. 07 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/movies/movie-features/meet-important-mogul-south-korean-entertainment-1275756/>.

ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed. 1985

FELIPPE, Fabricia. **Repensando a guerra da coreia: o papel das grandes potências na criação e perpetuação do conflito da península coreana**. Rio de janeiro, 2019.

FRANCEZ, Pedro Antonio. **A educação e o Milagre econômico do Rio Han na Coreia do Sul (1961- 1990)**. Espírito Santo: UFES, 2021.

HANY, Dunia Schabib. **K-Pop a Fantástica Fábrica de Ídolos**. (Portuguese Edition). Editora Appris. Edição do Kindle. 2021.

MANNARINO, Giovanni; DOURADO, Lauter. **A China e a Guerra da Coréia (1950-1953)**. Niterói, 2011.

MEDEIROS, Luana Lima. **O Impacto da Hallyu Wave na Exportação de Bens da Coreia do Sul**. Rio de Janeiro: PUC-Rio 2021.

MINISTÉRIO da Cultura, Esportes e Turismo. **Fatos Sobre a Coreia**. Trad. Park Won-bock. Serviço de Cultura e Informação sobre a Coreia, 2015.

SOUZA, Marco André Vinhas. **Os novos fluxos midiáticos da cultura pop coreana**. Galaxia [São Paulo, online], n. 29, junho de 2015, p. 297 - 300.

WEISSHEIMER, Pedro Heitor Caldas. **O desenvolvimento da indústria coreana e brasileira e o desdobramento pós 2º choque do petróleo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.